# O fim como se

**Wallace Baldo**

## A mobilidade influencia o cotidiano de trabalho de grandes empresas brasileiras, motiva bons negócios e gera maior qualidade de vida

Na rua, na chuva, na fazenda. Ou numa casinha de sapê. O avanço da TI e das telecomunicações confere mobilidade cada vez maior ao ser humano e, com ela, a possibilidade de se viver melhor. O trabalho está mudando de endereço e, ao mesmo tempo, trazendo benefícios para as corporações, não apenas como forma de reduzir custos, mas de proporcionar novas e lucrativas oportunidades de negócios.

Para João Antonio Zuffo, coordenador geral do Laboratório de Sistemas Integráveis e professor-titular da Escola Politécnica da USP, a questão não é mais tecnológica: a mudança depende apenas de uma adaptação cultural. "Com todos os recursos disponíveis, é preciso repensar a forma do trabalho, que tende a ser mais criativo e autônomo, com as tarefas repetitivas feitas por máquinas e robôs", defende. Segundo ele, as pessoas tendem a morar em lugares mais distantes. "Muitos autores apontam que as grandes cidades entrarão em decadência nas próximas décadas", profetiza.

O futuro já começa a ser colocado em prática. Há mais de cinco anos, a HP Brasil adotou o conceito de home office e, hoje, mais da metade dos funcionários trabalha de forma remota – total ou parcialmente. "O home office veio como uma conseqüência, a evolução natural do ambiente de uma empresa de tecnologia", explica Jair Pianucci, diretor de Recursos Humanos da empresa. A HP paga notebook, conexão em banda larga, telefone celular e dá acesso à rede corporativa para funcionários que trabalham em casa.

Atualmente, 5% dos funcionários da companhia desempenham suas atividades de forma inteiramente remota, nas áreas de suporte e vendas, principalmente. Eles pertencem ao grupo chamado "home-based", que possui toda a infra-estrutura tecnológica necessária em sua residência. Cerca de 27% dos empregados são "móveis", com estrutura de home office e sem baia fixa na empresa.

Há também os "flex workers", que trabalham remotamente >>

Ilustração: Liquidlensity

# do trabalho conhecia

Foto: Divulgação

**PIANUCCI, DA HP:** programa de home office apresenta elevados índices de satisfação

>> um dia por semana, mas com mesa e cadeira fixas nas instalações da HP. Esse grupo corresponde a 18% da força de trabalho. Os 49% restantes atuam no sistema clássico, com desktops e mesas determinadas.

Apesar de experiências desse tipo, Daniel Domeneghetti, diretor da E-Consulting Corp., acredita que as estruturas formais do trabalho ainda não foram abaladas. "No momento, a mobilidade e a convergência tecnológica só servem de base para a criação de processos em algumas empresas, como as dos setores de telecomunicações e varejo", afirma. O consultor também observa que o processo acontece em algumas empresas de TI, em geral "nas que precisam dispersar um grande número de pessoas geograficamente".

É o que acontece na Oracle Brasil. "Somos uma empresa verticalizada, regionalizada e globalizada, em que se fala muito freqüentemente com a América Latina", descreve Alberto Brisola, diretor de recursos humanos. Na empresa, aproximadamente 70% dos funcionários usam laptops, em todas as áreas, e todos têm acesso à internet.

A empresa também oferece celulares e telefonia IP a seus funcionários. "Com essas tecnologias, é possível visitar clientes e participar de reuniões fora do escritório com acesso aos sistemas e à rede da Oracle. A telefonia IP possibilita chamadas com custo local, no próprio ramal, em qualquer lugar". A empresa também faz conferências pela web, para economizar com viagens, com base em um produto próprio, a Oracle Collaboration Suite. >>

**BRISOLA:** organização estrutural da Oracle demanda tecnologias de mobilidade

# Negócios virtuais na Bolsa

## Bovespa efetua 100% das negociações por meio do pregão virtual

O progresso tecnológico já mexe decisivamente com o cotidiano e a estratégia de negócios tradicionais, como o da bolsa de valores de São Paulo. No fim de setembro de 2005, a Bovespa encerrou as atividades de seu pregão presencial, que reunia mil operadores de 100 diferentes corretoras e passou a efetuar 100% das negociações por meio do pregão virtual.

"Mudou muito a característica de negociação na Bovespa. Há 10 anos, o pregão viva-voz tinha capacidade para realizar 5 mil negócios por dia. Hoje, com o pregão virtual, são 100 mil transações diárias, em média", comemora Luiz Gonzaga Simões, diretor de informática da Bovespa. O executivo também destaca a mudança do comportamento dos clientes das corretoras, que usam computadores de mão e notebooks com acesso wi-fi para ganhar agilidade.

"A tecnologia desempenha papel fundamental para conseguirmos os 50% de crescimento em volume e quantidade de transações que obtivemos nos últimos três anos", afirma Gonzaga. O sistema eletrônico de negociação também permite a democratização do acesso ao mercado de capitais por meio do Home Broker, sistema implantado em abril de 1999 que permite aos investidores comprar e vender ações de qualquer lugar do mundo, por meio da internet.

Por extensão, o pregão virtual afetou profundamente o cotidiano das corretoras. Antes, elas mantinham dentro da Bovespa os operadores de pregão. "Com o fim do pregão viva-voz, todos voltaram para a corretora e houve uma mudança radical em seu dia-a-dia, já que eles saíram de um nível de estresse e responsabilidade altíssimos", relata Guilherme Horn, diretor de tecnologia da Agora Sênior, uma das maiores corretoras do País.

A área de TI da corretora investe em mobilidade para seus clientes internos e externos. Os principais gestores da empresa contam com soluções Blackberry, da TIM, para conexão e acesso permanente a informações financeiras, no mundo inteiro. A Agora também faz uso intensivo de videoconferência entre as oito unidades no Brasil e nos Estados Unidos, até mesmo para entrevistas de emprego.

"Essas tecnologias trouxeram grande economia com viagens, especialmente no deslocamento entre Rio e São Paulo, e representam uma grande mudança cultural", constata Horn.

# Surge novo perfil profissional

**Estudo mostra que 76% das pessoas se sentem mais produtivas trabalhando remotamente**

>> Jair Pianucci afirma que o índice de satisfação dos funcionários da HP com o home office é muito grande. "A maioria vê a flexibilidade como um valor inestimável, apesar de ainda existirem pessoas que mantêm o velho formato na cabeça". Para ele, "o valor que as pessoas têm ao poder administrar sua vida é muito grande e custa pouco, já que sai bem mais barato para a empresa deixar o funcionário trabalhar em casa do que na Berrini (região comercial da cidade de São Paulo)". O executivo lembra também que estimular o trabalho remoto é "uma atitude coerente, já que uma empresa que vende mobilidade não poderia deixar de usá-la".

"Para as pessoas, o trabalho remoto significa melhor qualidade de vida, menos congestionamentos nas cidades e produtividade maior, desde que haja disciplina", afirma o professor Zuffo, que relaciona a economia de gastos com instalações, luz, água e telefone.

Pianucci lembra que, apesar de existirem formas de controlar o trabalho remoto (pela monitoração do tempo de serviço, horário etc.), o que deve ser verificado é o resultado obtido. "Na verdade, o mais importante é saber gerenciar, tanto que promovemos um treinamento para que os gerentes saibam lidar com funcionários que eles não vêem", explica.

## Futuro

A expansão do trabalho remoto ainda terá muito pela frente e está sendo impulsionada pelas tecnologias de mobilidade. "O escritório deixará de ser central quando os web services e a arquitetura orientada a serviços (SOA, do inglês Service-Oriented Architecture) passarem a ser padrão", afirma Daniel Domeneghetti. Para ele, essas tecnologias permitirão a centralização dos aplicativos e a descentralização do trabalho, simultaneamente. "É uma tendência clara para os próximos três ou quatro anos."

Para João Antonio Zuffo, a evolução na criptografia, a expansão da assinatura digital e a comunicação de terceira geração estimularão a mudança. "A princípio, o impacto maior deve ser sentido para os trabalhadores com funções intelectuais e burocráticas. Daqui a 10, 15 anos, porém, deverá haver uma automatização mais significativa da produção, graças a robôs industriais de custo acessível." De acordo com o professor, a mudança estrutural e a evolução tecnológica também deverão estimular uma mão-de-obra mais autônoma.

"Avançaremos um pouco mais, sim. Não chegaremos a 100% dos funcionários, mas a pelo menos dois terços, para termos emprego onde necessário", afirma Jair Pianucci. "Aquele modelo industrial de prédio, que nos colocou entre quatro paredes, perdeu o sentido", conclui.

Certo é que o conceito tradicional de trabalho já sofreu transformações em função dos avanços na TI e nas telecomunicações. O home office já é realidade em algumas empresas. A clássica cena dos operadores em um pregão na bolsa virou história e, pelo jeito, descobriu apenas a ponta do iceberg. O mercado aguarda os próximos capítulos.

Foto: Magdalena Gutierrez

**DOMENEGHETTI:** processos serão criados com base na mobilidade e na convergência tecnológica

A opção do trabalho remoto deu origem a um novo perfil de profissional – e a alguns hábitos surpreendentes. A SonicWALL, de soluções de segurança, realizou, em vários países, uma pesquisa com 900 fornecedores, parceiros e colaboradores que acessam os sistemas corporativos à distância, para saber mais sobre o que elas pensam e como agem. Segundo o estudo, em 76% dos casos os entrevistados se sentem mais produtivos quando trabalham remotamente. A pesquisa também mostra que, nessa situação, a aplicação mais popular é o email, usado por 75% das pessoas. Além disso, 58% dos participantes acessam a rede corporativa fora do escritório por um laptop da empresa, enquanto 52% recorrem a seus desktops pessoais e 22% utilizam celulares ou computadores de mão.

Quando perguntados sobre seus hábitos pessoais no trabalho remoto, 38% dos entrevistados revelaram que trabalham com roupas "formais", enquanto 11% simplesmente não usam roupa alguma. Trinta e cinco por cento admitiram fazer refeições fora do horário habitual. Além disso, 30% param para cuidar de afazeres domésticos e 21% tiram uma soneca à tarde.

## Mobilidade em etapas

### Mercado já cria processos móveis

Diretor da E-Consulting Corp., Daniel Domeneghetti identifica três etapas relativas à adoção da mobilidade pelas empresas. Para ele, o primeiro estágio - já concluído - foi marcado pela execução de pequenos projetos experimentais para provar o retorno dessas tecnologias, especialmente aos diretores financeiros. "Atualmente, todas as grandes empresas já têm algum projeto-piloto de mobilidade." Para o consultor, hoje o mercado vive a segunda fase dessa evolução, com a substituição de processos corporativos por processos móveis, como na automação das forças de vendas e na construção de redes de colaboração. "Daqui a dois ou três anos, teremos uma terceira etapa, impulsionada pelo crescimento da banda larga e do WiMax, em que novos processos serão criados com base na premissa da mobilidade e da convergência tecnológica".

Anúncio

**Fonte: Information Week Brasil, ano 7, n. 157, p. 36-41, 5 abr. 2006.**